



# Aumento da inflação, do desemprego e o “arcabouço fiscal”: combater por meio da luta e das greves a piora nas condições de vida das massas

## DIREÇÕES SINDICAIS TRAEM OS TRABALHADORES AO APOIAR O GOVERNO!

### Inflação e desemprego continuam subindo

Entre janeiro e abril deste ano, a inflação acumulada já é de 2,7%. As previsões é que chegue a 6,2% no ano, atingindo todos os setores da economia, sobretudo, o dos alimentos, que atinge os mais pobres. Já é a quinta maior inflação entre o grupo dos 20 países mais ricos do globo.

Ao mesmo tempo que aumenta a inflação, o desemprego também cresce. Segundo dados da PNAD Contínua do IBGE, a taxa de desemprego aumentou em 23 das 27 unidades do país. No estado mais populoso do Brasil, São Paulo, a taxa foi de 7,7% para 8,5% no primeiro trimestre do ano. Nos números oficiais, as pessoas que procuram emprego e são consideradas desempregadas são 9,432 milhões. Quando olhamos para os “desalentados”, os que desistiram de procurar emprego formal, somamos mais 4,3 milhões. E, por fim, se observamos os “informais”, que não têm carteira assinada nem direitos, temos mais 38,118 milhões de pessoas.

Quando juntamos estes dados, vemos o tamanho da miséria que a maior da população brasileira vive. Mais de 1/3 dos trabalhadores sobrevive com menos de 1 salário-mínimo, isto é, mais de 33,2 milhões de trabalhadores. Cerca de 70% dos trabalhadores ocupados do Brasil ganham até 2 salários-mínimos. Cerca de 90% ganham até 3 salários-mínimos, isto é, R\$ 3600,00 reais, o que inclui, por exemplo, a massa de todos os ecetistas, que trabalham nos Correios.

Estes números que assustam qualquer um não faz com que as direções sindicais mobilizem os trabalhadores para defender os empregos, os salários e os direitos sociais. O que vimos em 2022 e este ano é que as direções se voltaram para apoiar a candidatura de Lula e depositar todas as esperanças em seu governo, deixando de lado as reivindicações e os métodos de luta próprios do proletariado.

### O GOVERNO LULA REPRESENTA REALMENTE ‘ESPERANÇA’ PARA OS TRABALHADORES?

Não! E não falamos isso por alguma questão “ideológica”, mas olhando para sua política econômica. O que fez sobre a questão do salário-mínimo? Manteve o arrocho salarial, mantendo a miséria para a maioria nacional com o salário de R\$ 1320,00, muito aquém da necessidade de uma família trabalhadora, que precisaria de um salário de R\$ 6673,11, conforme os dados do DIEESE para abril de 2023. Ainda segundo o DIEESE, este salário-mínimo não dá pra comprar duas cestas básicas, que está acima de R\$ 700 reais nas capitais.

Não bastasse isso, apresentou também a proposta de “arcabouço fiscal”, que é uma macropolítica que deve manter os gastos sociais baixos enquanto mantém o pagamento de juros da Dívida Pública (que serve aos ban-

queiros e especuladores) lá nas alturas. Só para ter uma ideia, em 2022, o orçamento da Saúde foi aproximadamente de R\$ 151 bilhões, enquanto o gasto com juros foi de R\$ 780 bilhões. Aí está a prioridade de qualquer governo burguês: ajudar a lucratividade do grande capital, nacional e internacional, às custas da vida das massas.

As direções das Centrais, CUT, CTB, UGT, Força Sindical – todas deveriam estar em luta contra esta proposta do governo, assim como deveriam lutar para aumentar o salário-mínimo, lutar por empregos, por meio da diminuição da jornada de trabalho, de divisão das horas de trabalho, etc. Mas o que elas têm feito? Só elogiado o governo que apoiam.

Mesmo no interior da ECT, vemos que houve redução do quadro de trabalhadores. A empresa que já chegou a ter mais de 127 mil ecetistas, hoje conta com menos de 90 mil. A luta por efetivar os terceirizados e abrir novas vagas não é realmente encampada pelas direções da FENTECT e da FINDECT. Em vez disso, as Federações e os sindicatos filiados fazem propaganda do Programa “Jovem Aprendiz”, que é uma forma de precarização do trabalho da juventude, que preenche vagas de atendimento nas agências, recebendo salário inferior ao mínimo. Uma vergonha!

### FEDERAÇÕES E CENTRAIS APOIAM UM PRIMEIRO DE MAIO GOVERNISTA

Prova maior da colaboração com o governo e os capitalistas e traição aos trabalhadores foram os Atos de Primeiro de Maio.

Data histórica de defesa das reivindicações dos trabalhadores, ela foi transformada pelas maiores Centrais, CUT, Força Sindical, UGT, CTB, em um dia de apoio ao governo federal e à sua política. Nos atos que ocorreram pelo país, participaram representantes dos governos estaduais e federal que reafirmaram as ilusões na democracia burguesa. As direções sindicais não atacaram o arcabouço fiscal, a política de “valorização do salário-mínimo” e as contrarreformas dos últimos anos (previdenciária, trabalhista, a lei de terceirização, etc.).

Enquanto os trabalhadores sofrem com o aumento dos aluguéis em todo o país; os sem-terra com a falta de terras para viver; os aposentados, com as pensões e aposentadorias que mal dão para pagar os remédios; os indígenas, com a invasão de seus territórios; os operários, com o fechamento das fábricas; o conjunto dos trabalhadores, com o rebaixamento salarial; os estudantes, com as reformas destruidoras do ensino médio; enfim, com um conjunto de ataques, as direções sindicais burocráticas festejam governos que estão a serviço do capital financeiro, que permitem mineração em terras indígenas,

que reprimem os sem-terra, que mantém o arrocho do funcionalismo público, e o rebaixamento geral da força de trabalho, e que mantém as contrarreformas.

## O QUE DEFENDEMOS?

A situação é ruim para os trabalhadores, mas podemos lutar contra isso.

Temos a nosso favor o fato de que somos nós que produzimos e distribuímos as riquezas nacionais. Nós podemos paralisar a produção, o lucro dos capitalistas e a arrecadação dos governos quando realizamos nossos atos, nossas passeatas de rua, nossas campanhas salariais e nossas greves. Os métodos próprios da classe operária e dos trabalhadores têm o potencial de pressionar os governos e os capitalistas para que aumentem os salários, garantam os direitos e melhorem os serviços públicos.

Como iniciamos isso?

Por meio de nossas assembleias de base, dos comitês de mobilização, da aprovação de pautas de luta que, de fato, mobilizem toda a categoria e apontem para a unidade com o conjunto dos trabalhadores. É preciso mobilização permanente, e não só quando chega a data-base, porque aí as direções sindicais traidoras negociam com o governo migalhas, sem se apoiar em nossa força coletiva.

Um passo importante para a organização de nossa categoria é a formação de uma poderosa oposição no interior de nosso sindicato para fazer frente aos méto-

dos burocráticos das direções traidoras. Formar as Correntes Sindicais Marxistas, apoiando-se nos métodos de luta e nas reivindicações de emprego, de salário, de conquista de direitos é um passo fundamental para erguer a classe e fortalecer as lutas nacionais

### **Defender em cada assembleia:**

- Formação dos comitês de mobilização para visitar e mobilizar todas as unidades dos Correios;**
- Campanhas Salariais com paralisação do trabalho, atos de rua e construção da greve nacional para impor as reivindicações e ganhar a população;**
- Salário-mínimo Vital, com base no salário mínimo do DIEESE;**
- Redução da jornada de trabalho e escala móvel das horas de trabalho;**
- Derrubada das contrarreformas (Trabalhista, Previdenciária, das leis de terceirização);**
- Retomada de todas as cláusulas sociais e econômicas perdidas nas últimas campanhas salariais dos ecetistas;**
- Reestatização de todas empresas privatizadas e defesa dos Correios 100% estatal, com controle pelos trabalhadores.**

## XII CONGRESSO DA FINDECT: BUROCRÁTICO E GOVERNISTA

O XII Congresso da entidade ocorreu entre os dias 17 a 20 de maio em São Paulo e teve como tema o slogan: "Unidos pela reconstrução dos direitos e dos Correios!".

Seria ótimo se este tema fosse verdadeiro. Se, de fato, a direção da FINDECT (PCdoB/CTB) buscassem lutar pela unidade dos trabalhadores dos Correios e dos trabalhadores do país na luta por direitos. O que se viu, no entanto, nos quatro dias, foi a reafirmação da política de colaboração com o atual governo e elogio ufanista de suas medidas.

Desde o primeiro dia, quando ocorreu a mesa sobre Conjuntura política, o que mais se destacou foi a vitória de Lula e o fato de que "agora" os trabalhadores poderiam voltar a ter vitórias. Participaram da mesa tanto representantes da CTB quanto da UGT, que dirige o sindicato de Tocantins. Nenhum dos presentes atacou a política do salário-mínimo de fome ou o arcabouço fiscal de Haddad/Lula.

Nos demais dias, ao tratar de temas que interessam particularmente aos ecetistas, a exemplo da questão da saúde ou da aposentaria, os dirigentes mostraram, mais uma vez, como abandonaram as reivindicações históricas. Reclamaram, por exemplo, que cerca de 40 mil ecetistas não podem pagar o Postal Saúde, porque o valor só aumentou nos últimos anos e houve menor subsídio a partir do governo Bolsonaro, o que é verdade. Mas a questão fundamental é que a saúde pública no Brasil é sucateada. A defesa de um sistema único de saúde pública e estatal serviria para unir o conjunto dos trabalhadores e garantir mais recursos para este sistema, impedindo que os planos de saúde, privados ou mistos, sugassem parte do salário dos trabalhadores. Mesmo que esta reivindicação não consiga ser atendida imediatamente, porque pressupõe esta luta geral e contra o sistema privado de saúde, ainda assim se poderia lutar para que a Empresa pagasse 100%

do Postal. Mas - nem isso - os burocratas defendem, querem apenas que o governo aumente o subsídio.

Na questão da previdência, é ainda mais chocante a posição. As direções sindicais querem maior participação no órgão administrador do Postalis, que é um fundo de pensão, que oferece planos de previdência complementar. O Postalis não deveria existir! Só existe por causa das sucessivas contrarreformas previdenciárias que diminuíram o teto da aposentaria, quebraram a paridade entre aposentados e trabalhadores da ativa, aumentaram o tempo de contribuição, dificultaram o acesso às pensões, etc. Os fundos de pensão servem para o parasitismo financeiro e até para a corrupção, como foi denunciado durante os governos do PT. Não devemos exigir participação dos órgãos administradores, devemos lutar para reconquistar os direitos perdidos em relação à aposentadoria e às pensões.

Estes dois são alguns exemplos de como a direção da FINDECT está distante da defesa de nossos direitos e de nossos interesses.

Não bastasse isso, ainda vimos que o Congresso foi ultramínoritário e com pouquíssima participação das bases (lembremos que os sindicatos de SP e RJ, por exemplo, estão em sua base e formam a maioria da categoria ecetista do país). O Congresso com poucos representantes serve, assim, para manter o controle burocrático do aparelho e garantir a hegemonia da mesma direção, com a mesma política.

Novamente, é preciso que ergamos uma forte oposição sindical para disputar a política e os métodos nas assembleias, nos atos, nos congressos, nas eleições e, assim, erguer uma nova direção combativa, classista e que defenda, verdadeiramente, os interesses dos trabalhadores e da maioria nacional explorada.